

MARCIA CURI VAZ GALVÃO

INQUIET-AÇÃO: O TEATRO NA EDUCAÇÃO

RIO DE JANEIRO
2000

Marcia Curi Vaz Galvão
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
RUA ARMANDO DE OLIVEIRA, 172
13560-970 - SÃO CARLOS - SP

INQUIET-AÇÃO: O TEATRO NA EDUCAÇÃO

Reitor: Humberto Roberto Gonçalves
Vice-Reitor: Roberto de Almeida
Diretor Geral: Roberto de Almeida
Diretor de Administração: Roberto de Almeida
Professor Antônio Roberto de Almeida

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

INQUILIBRADO: O JEU DA EDUCAÇÃO

Reitor: Hans Jurgen Fernando Dohman
Decano: Maria Thereza Wilgen Tavares da Costa Fontoura
Diretor: Janete Oliveira Elias
Chefe do Departamento: Mônica Mandarino
Professor: Adilson Florentino da Silva

INQUIET-AÇÃO: O TEATRO NA EDUCAÇÃO

MARCIA CURI VAZ GALVÃO

Monografia apresentada ao curso de Pós-graduação, Formação de Docentes Universitários da Universidade do Rio de Janeiro

Professor Orientador: ADILSON FLORENTINO DA SILVA

Co-orientadora: MARTHA ALKIMIN

RIO DE JANEIRO
2000

GALVÃO, Márcia Curi Vaz. Inquiet-ação: o teatro na educação. Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas, Escola de Educação, 2000, 24 p.

MÁRCIA CURÍ VAZ GALVÃO

Galvão, Márcia Curi Vaz.

Inquiet-ação: o teatro na educação / Márcia Curi

Vaz Galvão. - Rio de Janeiro, 2000

Monografia apresentada ao curso de Pós-graduação, Formação de Docentes Universitários da Universidade do Rio de Janeiro.

1. Educação. I Escola de Educação. II Título

MÁRCIA CURÍ VAZ GALVÃO

RIO DE JANEIRO
2000



À minha mãe.

Agradecimentos:

Ao meu orientador Adilson Florentino pela paciência, apoio e incentivo.

A Martha Alkimin pelo carinho e consideração.

A Liliane Mundin pelo companheirismo e disponibilidade.

A Lúcia Helena (Guiata), a João Cardoso Filho e Cláudio Barria pelo toque inicial .

A Fernanda Leonardo da Costa, pela boa vontade até às 5:00 horas da manhã.

A Jacirene Lopes de Souza, pelo auxílio de última hora.

A Margarida (Guida), pela rapidez e boa vontade na digitação.

TEATRO NA EDUCAÇÃO

Após tantas coisas[?] comecei a pensar em qual seria a importância das Artes Cênicas dentro do contexto de realidade particularmente difícil num país onde a crise impera tão aguda e tão profundamente que eu escolhi a arte e mais especificamente o teatro como ofício.

Em um país onde o descrédito e a mentira se oficializaram, estarei ensinando a fé, mesmo que cênica, estarei falando de sentimento verdadeiro...

Em um país onde a insensibilidade é geral, estarei tratando, com meus alunos, justamente de sensibilidade, ocupando-nos das técnicas de sensibilização...

Em um país onde os mal intencionados se proliferam, esquecendo-se dos meios, estarei despertando nos alunos o trato das suas intenções, a escolha criteriosa de seus objetivos e a importância de suas ações...

Em um país, que parece esquecer sua história, procurarei transmitir a importância do conceito de memória, a memória emotiva...

Em um país onde a razão parece ter ensandecido de vez, estarei estimulando a emoção mais genuína, possibilitando a emergência do sentimento mais verdadeiro, mais apropriado.

A importância do teatro, meus amigos, reside no fato de que ele sempre reflete a realidade, colocando-a em cheque, revolvendo-a, dissecando-a à luz impiedosa da criticidade.

É, através do teatro, como disse *Brecht*, que a avidez e a inteligência são estimuladas, possibilitando a quem se relaciona com ele, o prazer de mudar essa mesma realidade.

Nossos alunos precisam não apenas saber que Prometeu foi libertado, mas eles também precisam familiarizarem-se com o infinito prazer de libertá-lo...

Nossos alunos aprenderão com o teatro a sentir toda a satisfação e a alegria experimentadas pelo inventor e descobridor, mas, principalmente todo triunfo vivido pelo libertador.

Porque o teatro, apesar de jamais ser uma mera descrição clínica do real, capacita o "EU" de cada um identificar-se com a vida dos outros, capacita o homem a incorporar para si aquilo que ele não é, mas tem a possibilidade de ser. Tornando-o mais livre.

Eu acredito firmemente que esta minha difícil escolha de sobrevivência é recompensada, quando vejo o teatro como fomentador de tão grandes reflexões e de mudanças através da ação futura de nossos alunos. Que renovados pela ação do teatro, hão de fazer essa nossa triste realidade uma vida mais ética, mais refletida, mais justa, mais liberta e, por que não? Com mais EMOÇÃO.

Palavras do orador da primeira turma de licenciatura em Artes Cênicas do RJ – Faculdade UNI-RIO – Luciano – 1988

Resumo

Esta monografia propõe uma análise sobre as possibilidades de se utilizar o teatro na educação como um veículo que auxilie na formação dos sujeitos. Formação esta que deve compreender que o ser educando é um ser inteiro, com sua afetividade, sua percepção, seus sentidos, sua criticidade, sua criatividade. Portanto, a educação deve estar ocupada em buscar junto ao aluno, ampliar as referências deste diante do mundo, trabalhando com todas as linguagens: sonora, escrita, dramática e corporal.

A educação dramática pode colaborar para o desenvolvimento global da personalidade do indivíduo, valendo-se das mais diversas formas de atividades expressivas, criativas e sensibilizadoras. Utiliza critérios pedagógicos específicos, progressivos e controlados, os únicos capazes de produzir a “alfabetização estética” sem a qual toda expressão permanece impotente e toda criação é ilusória. O teatro na educação não se contenta com as virtudes instauradoras do acaso assim como não propõe criar nos indivíduos apenas aptidões artísticas específicas. Ao contrário, pretende ir um pouco além: colaborar para que o aluno construa sua própria visão de mundo, “preparando-se” assim para a vida.

SUMÁRIO

1. Introdução	1
2. Considerações sobre teatro e sua aplicação	2
3. O teatro como veículo de transformação e a escola como lugar de sua construção	5
4. O teatro como linguagem humanizadora, crítica e transformadora	8
5. O teatro por ele mesmo	10
6. Para não concluir	13
7. Bibliografia	14

“Todo mundo atua, age, interpreta.

Somos todos atores. Até mesmo os atores.

Teatro é algo que existe dentro de cada ser humano e pode ser praticado na solidão de um elevador, em frente a um espelho, no Maracanã ou em praça pública para milhares de espectadores. Em qualquer lugar... Até mesmo dentro dos teatros.”

Augusto Boal

1 - INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretendo dissertar sobre as possibilidades de utilizar o teatro na educação, como uma forma de refletir sobre o processo de transformação das estruturas sociais. Para isso pretendo usar alguns teóricos do teatro e da educação procurando traçar um elo com a minha vivência como profissional da educação. A base deste trabalho está fundamentada nas idéias de teatrólogos como *Bertolt Brecht* e *Augusto Boal* e do educador *Paulo Freire*, visto que estes três intelectuais têm em comum a crença na necessidade de transformar a sociedade. *Brecht* diz que “a função própria do teatro é social”; o princípio do *Teatro do Oprimido* é dar a chance ao espectador de deixar de ser somente um intérprete da sociedade, mas também de experimentar a possibilidade de transformá-la; o livro *Pedagogia da Autonomia* nos diz entre outras coisas que “ensinar exige reflexão crítica sobre a prática, que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou construção e que ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo”.

Intervir no mundo é transformá-lo, refletir criticamente sobre a prática é algo que está inserido na estrutura de uma aula de teatro ou montagem teatral, pois é pela vivência, pela experiência do teatro que entra-se em contato com muitos saberes que podem potencializar uma transformação dos sujeitos.

Minha fala muitas vezes se faz presente na voz de educadores que querem transformar a convivência professor-aluno numa relação de troca de experiências e saberes,

onde possam colaborar na formação de seres humanos críticos, analíticos, capazes de lutar e exercer a cidadania. Por este motivo falo algumas vezes na 1ª pessoa do plural. Em outros momentos falo na 1ª pessoa do singular, quando me refiro a experiências próprias vividas em sala de aula.

2 - CONSIDERAÇÕES SOBRE TEATRO E SUA APLICAÇÃO

Após tanto tempo me dedicando quase que exclusivamente ao teatro – quatro anos de bacharelado e um ano e meio de licenciatura em artes cênicas – penso de que forma esta arte me impulsiona e me move? O que existe dentro desta expressão artística que tanto me fascina? O que tem o teatro de encantador? Entendo o teatro como uma arte sutilmente transformadora, não querendo dizer que uma pessoa que assista a uma peça sofrerá uma transformação, mas de acordo com a abordagem do tema, o espectador de teatro poderá desenvolver pensamento crítico diante da obra. Para que ocorra transformação não é somente necessário que a proposta tenha um cunho político, social, com o objetivo de “fazer pensar”; é necessário também que o espectador esteja aberto a reflexões e mudanças – afinal as transformações internas acontecem lentamente e de acordo com a capacidade de cada um – mas, de qualquer maneira, a semente será plantada podendo ou não germinar.

O teatro pode transformar. Ao dominar esta linguagem podemos usá-la com o propósito que desejarmos. É possível fazer um teatro não contestador, um teatro acrítico, sem o objetivo, ainda que implícito, de provocar reflexão, de provocar consciência crítica diante da realidade. Mas existe quem utilize o teatro como um caminho para transformar o cidadão e seu meio, para fazer pensar, perceber e mudar. *Brecht* acreditava que a função do teatro era revolucionar. No livro *Poemas; seleção, estudos e notas de Arnaldo Saraiva de Bertolt Brecht* encontramos algumas passagens que falam sobre a literatura de *Brecht* que nos remetem à idéia de teatro transformador:

“A literatura deixou de poder ser inocente: deixou de poder dar-se como consumo sem que se dê ao mesmo tempo como revolta contra esse consumo, isto é, sem que exija a participação – mais: a intervenção – do leitor e do chamado espectador, ou ainda, sem que o espectador e o leitor se tornem também eles produtores (...) ... o espectador deverá distanciar-se do espetáculo para deixar de ser espectador, não deverá perder-se nele para poder perdê-lo e nele se encontrar, não deverá cegar-se para poder começar a ver, não deverá ficar dentro para poder ficar fora (...). Vemos por aqui que para *Brecht* não é o espectador que deve ter os olhos postos no espetáculo, é o espetáculo que tem os olhos postos no espectador. E não é só o teatro que leva a tragédia aos homens, são os homens que levam a tragédia ao espetáculo.” (Saraiva, 1976)

Quando o espectador deixa de ser somente visor e passa a ser também um observador, ele passa a pensar o que vê, a relacionar o que vê, a ser crítico, a analisar, podendo então transformar aquilo que lhe pareça necessário após esse processo de análise. Contudo, podemos utilizar a linguagem teatral como um produto de consumo; podemos, como já disse antes, fazer um teatro acrítico. A função do teatro para *Brecht* era transformar, assim como é para *Boal*; porém para outros profissionais da arte cênica o teatro é um produto de consumo. De qualquer maneira o teatro conta, mostra, cabendo ao profissional que se propõe a trabalhar com teatro esclarecer se pretende vender um produto, ou se – sabendo de suas possibilidades – propõe uma análise crítica de uma situação.

Consciente de que posso usar o teatro para transformar, ou melhor, que o teatro é // uma linguagem que pode colaborar na formação de cidadãos críticos; consciente que no meio onde vivo existem coisas que merecem ser reavaliadas e (por quê não?) transformadas; volto o meu olhar para a educação, tentando a partir de agora construir um vínculo, uma ponte entre dois conceitos que se encontram aparentemente distantes: teatro e educação.

Como pensar a educação? Educar para quê, o quê? Simplesmente ensinar uma matéria, transmitir um conhecimento? Quando penso em educação, penso também em transformação! Não pretendo, quando me proponho a trabalhar com educação, ensinar apenas o conceito de teatro, ou quem foi *Shakespeare*, ou quem escreveu *Édipo Rei*, mas sim

colaborar junto às pessoas com as quais estarei trabalhando para sua formação como ser humano, cidadão crítico e pensante.

O teatro trabalha justamente com elementos naturais da vida humana: a sensibilidade, a emoção, a concentração, a observação, as limitações. A ferramenta do teatro é o ator, e a ferramenta do ator é ele mesmo, ou seja, não existe teatro sem a figura humana que se presta a representar uma situação, representar um papel, um jogo dramático. Propor-se a trabalhar com teatro educação é se permitir jogar, experimentar, experienciar, observar a si e o seu coletivo, traduzindo de forma prática e crítica aquilo que foi observado e vivido.

Esta tradução do que é observado no momento que estamos envolvidos com teatro educação está relacionada com a leitura que fazemos desta aula: ler o “texto” da aula, afinal nós somos textos; o mundo é feito de textos (políticos, estéticos, sociais, filosóficos, etc). Colocando *Boal*, *Brecht* e *Freire* num mesmo plano nota-se que eles propõem uma ação transformadora, mais: que eles “idealizam” um sujeito crítico, consciente e conseqüentemente transformador. Contudo a consciência para transformar nasce com a capacidade de ler os textos que constituem o mundo. Podemos comentar acerca de 2 conceitos de texto. O primeiro encontra-se circunscrito ao fenômeno imediato da fala e da escrita; o segundo, é um pouco mais complexo e é com este que esta monografia pretende trabalhar:

1º conceito:

TEXTO – uma ocorrência lingüística;

uma unidade semântica;

uma unidade sócio-comunicativa.

2º conceito:

TEXTO – produção de significados, produção de redes de sentido para frente ao mundo e sua realidade.

A vigor expressivo de que todos somos textos, e de que o mundo é dotado de textos, devemos estar atentos ao fato de que esta leitura se faz clara na escrita, na fala, mas também nos silêncios.

O teatro, entre outras coisas, trabalha com textos: textos escritos por autores consagrados, textos realizados num processo dinâmico durante uma aula ou ensaio teatral, e textos lidos pelos sujeitos (alunos/atores) e pelos sujeitos (espectadores). É necessário então pensar de que forma estes sujeitos se colocam quando provocados pela necessidade de intervenção que uma aula de artes cênicas pode promover. Como já foi dito antes, a educação dramática dá chance ao experimento, ou seja, o aluno/ator deixa de ser um “depósito” de informações, estabelecendo-se então a necessidade de uma participação ativa dentro da aula. Nesta aula o aluno tem de se deslocar, sair da condição de passividade, de depósito de “banco de informações” e intervir, interferir, atuar, ser “ator”. Este deslocamento que a aula de teatro pode provocar exige a leitura dos textos do mundo, é justamente a partir deste deslocamento que se pode promover uma transformação.

Conceitos de deslocamento, muito trabalhados por teóricos como *Stuart Hall*:

- da passividade para a atividade;
- da inalterabilidade para a criatividade;
- do individualismo para o coletivo;
- do eu para o outro (nós);
- da “educação bancária” para a educação transformadora;
- da reprodutibilidade para a “reinvenção” da escola.

Reinvenção da escola? E por quê não? Uma escola com alunos “vivos”, inquietos e participantes e com professores que não temem suas próprias dúvidas.

3 - O TEATRO COMO VEÍCULO DE TRANSFORMAÇÃO E A ESCOLA COMO LUGAR DE SUA CONSTRUÇÃO

Não podemos falar em educação sem observar a nossa sociedade e o sistema político que a rege. Atentos a isto, poderemos perceber as conseqüências da nossa estrutura socio-cultural e então pensar se é necessário transformar esta estrutura. Na realidade social onde atuo, me chama a atenção a dificuldade dos alunos em compreender as aulas de Matemática, Geografia, Português, enfim, as disciplinas da grade curricular adotadas pela

escola. No entanto a minha curiosidade maior está em entender porque isto acontece. Se observarmos mais profundamente, notaremos um quadro de carência onde o aluno não se reconhece, ou tem dificuldade em se reconhecer como cidadão crítico e com capacidade de pensar. O aluno não questiona, não é levado a desenvolver criticidade diante do assunto trabalhado em aula, não existe uma troca de experiências e sim uma transmissão de conhecimento, não acontece o questionamento, o experimento; o que existe é uma “educação bancária” (Freire, 1997), sem reflexão. Já não é de se admirar a dificuldade deste aluno em compreender as disciplinas, visto que ele não é motivado para compreendê-las, mas para absorvê-las.

A educação dramática necessita, para se desenvolver num processo pedagógico, trabalhar simultaneamente teoria e prática. Numa aula de teatro o aluno não é somente um espectador dos dizeres e fazeres do mestre, é necessário que ele observe a ação do professor mas que também, num determinado momento ele passe a ser o protagonista da ação teatral. É através desta vivência que ele irá aprender, com todos os sentidos, aquilo que foi observado no plano teórico da aula. Considerando os princípios do *Teatro do Oprimido*, percebemos claramente de que forma isto acontece:

- “a) a transformação do espectador em protagonista da ação teatral;
- b) a tentativa de, através desta transformação modificar a sociedade e não apenas interpretá-la.” (Boal, 1998)

Os exercícios e jogos teatrais dão a oportunidade de vivenciar e questionar; uma aula que utiliza jogos dramáticos desenvolve uma práxis pedagógica onde o aluno passa a observar criticamente o assunto da aula, seja ele qual for.

Precisamos de aula de Matemática? Precisamos de aula de Português? Precisamos de aula de Química? Precisamos de Educação Física? SIM PRECISAMOS!!! Porém, ensinar estas disciplinas não é apenas transmiti-las, como se o aluno fosse um depósito de informações. Nossos alunos necessitam mais do que aprender, apreender o que é trabalhado numa determinada aula. A apreensão pode se tornar mais acessível se estiver vinculada ao prazer de aprender. Este prazer encontra-se relacionado com a possibilidade de questionamento, de participação ativa dentro da aula. Vejamos o que diz *Richard Courtney* a este respeito:

“Ao forçar uma criança a fazer contas ou redigir um texto não estamos provendo sua educação. Matemática ou Redação são melhor assimilados quando a criança deseja fazê-lo. Se conseguirmos obter a mesma vitalidade de que a criança dispõe em seus momentos de recreação e canalizá-la para suas lições teremos a base de uma verdadeira e permanente educação.” (*Courtney*, 1980)

Tão importante quanto conhecer as disciplinas é colaborar para que o aluno desenvolva visão crítica diante da vida, da escola, do professor, da disciplina, tendo consciência de sua atividade, de sua aprendizagem, de como, porque e para que está aprendendo. “Com esta tomada de consciência o estudo e material de estudo passa a “fazer sentido” podendo ser correlacionado com a realidade.” (*Benjamim*, 1986)

O modo como a nossa sociedade está estruturada conduz a educação num caminho que “destrói” a autonomia das pessoas, criando seres comandados, destituídos de senso crítico e de possibilidades de atuação concreta na tentativa de transformar a realidade, ou seja, se torna um ser conformado.

O conformismo gera uma passividade, uma inércia que deixa os homens atados a uma realidade muitas vezes sufocante, porém incapazes de uma análise mais profunda das causas e efeitos desta situação. O homem se acomoda, não estranha, não reflete e não questiona, aceita os fatos como “naturais” como se fizessem parte do curso da história. Então segue seu caminho tortuoso e cheio de pedras, se desvaloriza, desvaloriza o outro e o mundo onde vive.

É preciso estar atento ao fato de que o homem deve ser sujeito de sua própria educação. Não ser objeto dela. É necessário ter autonomia no processo de aprendizagem para que isso reflita na vida do indivíduo e passe (como disse *Benjamin*) a “fazer sentido”.

4 - O TEATRO COMO LINGUAGEM HUMANIZADORA, CRÍTICA E TRANSFORMADORA

“O homem é um ser inacabado e por isso se educa.” (*Paulo Freire*)

O que motiva o homem na busca de novos conhecimentos? O homem não se contentou com a descoberta do fogo, da roda ou da pólvora. Já temos a bomba atômica e vivemos uma revolução tecnológica. O mundo não pára. O homem incansavelmente se supera na procura interminável do saber. Os seres humanos têm a capacidade da reflexão, e ao refletirem percebem-se inacabados. Começa então uma corrida em busca de conhecimento, na intenção de ser mais e assim, quem sabe, completar-se. É a busca dos saberes. No entanto o saber é efêmero. Ele muda constantemente, o saber se faz através de uma superação constante. Todo o saber traz consigo sua própria superação.

Trabalhar com educação exige aceitar o limite entre o saber de ontem e do amanhã. É importante ter consciência, maturidade e humildade para perceber que a “verdade” é mutável e que ninguém detém o poder da “verdade absoluta”. Um educador deve compreender que sempre tem algo para aprender e estar aberto para esta troca, pois é compartilhando conhecimentos que podemos abrir portas para que estes se ampliem.

Existem vários saberes, o conhecimento acadêmico é apenas um deles. Devemos respeitar a bagagem de vida de cada aluno, afinal esta bagagem ajuda a determinar o que ele sabe. Valorizando a história de cada um, sua origem, cultura, sua realidade social, seus anseios, perguntas e respostas, estaremos promovendo uma educação mais ampla e “aberta”, baseada na troca de experiências. O educador deve ter consciência de que o desenvolvimento do aluno se inicia antes dele entrar numa escola e continua para além do ano letivo.

Como já foi dito, o homem deve ser sujeito de sua educação. Mas de que forma o homem pode ser sujeito de sua própria educação? De que maneira, através da troca de experiências, podemos patrocinar uma educação humanizadora, crítica e transformadora? Volto meu olhar para a educação dramática e me ponho a pensar de que forma o teatro e a educação se complementam.

Quando me propus a fazer teatro, estudar teatro, não pensava em trabalhar com educação, porém, entre um motivo e outro, entrei nesta área e aos poucos fui percebendo como as aulas de teatro influenciavam os alunos, ou melhor, fui percebendo como os próprios elementos teatrais pedem, ou até exigem uma análise crítica de quem está atuando ou trabalhando um exercício dramático. É esta análise crítica que ao longo de um período de trabalho pode influenciar o comportamento de pessoas que estão em contato direto com a realidade teatral. É importante ressaltar o que dizia *Brecht* a respeito da função do teatro:

“O fato de o “conteúdo”, de um ponto de vista técnico, se ter tornado – pela renúncia à ilusão em favor de uma virtualidade polêmica – uma parte integrante autônoma, em função da qual o texto, a música e a imagem assumem determinados “comportamentos”, e o fato de o espectador, em vez de gozar da possibilidade de experimentar uma vivência, ter, a bem dizer, de se sintonizar, e, em vez de se imiscuir na ação, ter de descobrir soluções, deram início a uma transformação que excede, de longe, uma mera questão formal. Principia-se, sobretudo, a conceber a função própria do teatro, a função social”. (*Saraiva, 1976*)

Sendo uma das funções do teatro a função social, onde o espectador não experimenta uma vivência, mas se sintoniza com ela, onde ele não toma parte numa situação mas busca soluções para ela, este espectador pode ser levado a pensar. No sentido de elevar este simples pensar a um pensamento crítico, o educador deve colocar-se como um mediador que poderá ajudar o aluno a não ser somente um observador passivo, mas um ser crítico. *Moacir Gadotti* nos fala a respeito da importância do educador em:

“... entender o significado do seu trabalho, entender o significado de sua tarefa educativa. (...) responsabilidade do profissional da educação perante a sociedade em cujo contexto desenvolve suas atividades.” (*Gadotti, 1996*)

É esta responsabilidade que nós educadores precisamos exercitar sistematicamente, é nela que encontramos o apoio necessário para praticar a nossa tarefa, sem esquecer que a importância da educação não está somente no objeto estudado, mas também

na maneira de aprender. Segundo *Gadotti* devemos refletir não apenas no conteúdo, como também na forma de aprender este conteúdo.

Conscientes de nossa responsabilidade e dos vários caminhos que o teatro nos oferece para conduzir um processo de aprendizagem, podemos nos aproximar de uma educação mais crítica e reflexiva..

5 - O TEATRO POR ELE MESMO

Como eu já disse, a matéria prima do teatro é o ator, ou seja, o ser humano. Pode-se fazer teatro sem cenário, diretor, figurino, luz, som, mas não existe teatro sem ator.

Um ator que se propõe a transmitir uma mensagem pode perfeitamente ir para o meio da rua e representar um monólogo, uma idéia, usando para isso seu corpo, sua voz, inteligência, disposição. Justamente pelo fato de não existir teatro sem ator, os elementos que usamos ao trabalhar teatro são elementos próprios da natureza humana: a emoção, a criatividade, o medo, a raiva, a curiosidade, a fé, etc.

Quando uma pessoa se dispõe a fazer teatro, mesmo que ela não tenha plena consciência, ela está se dispondo a se “abrir”, se perceber, se observar, observar o seu espaço, seu semelhante, a se expor diante de si e de um grupo, experimentando novas emoções, novas formas corporais, diferentes vivências, ou então reviver experiências passadas de forma prática, técnica, com uma determinada finalidade. Sendo assim essa pessoa terá que estar sempre atenta às suas dificuldades e possibilidades e principalmente ter disponibilidade suficiente para emprestar seu corpo, sua voz, sua inteligência e “dar vida” a um outro ser, a personagem.

Fazendo teatro a pessoa trabalha com ação, imaginação, concentração, descontração, fé, sentimento, movimento, e sendo assim, o que é proposto e realizado numa aula de teatro deve ser sempre comentado e analisado pelo grupo. Perguntas do tipo: Como você se sentiu? Ficou a vontade? Gostou? O que você trabalhou e apreendeu fazendo esse exercício? De que outra forma poderia realizar tal exercício para chegar ao mesmo objetivo?

Tais comentários são essenciais ao andamento do curso, absolutamente necessárias após cada exercício.

O professor de teatro deve propor situações onde seus alunos possam descobrir o que leva uma pessoa a se comportar de determinada maneira, pois assim este aluno passa por um processo de reflexão dos seus próprios comportamentos. Isto ocorre porque o teatro pode promover uma identificação física, emocional e intelectual com situações fictícias.

Não devemos ver o teatro como um complemento da arte-educação, mas como um instrumento único de ensino, vital para o desenvolvimento da observação, da memória, da imaginação, da criatividade, da emoção, da consciência corporal e vocal e de uma percepção mais ampla e questionadora de si e do coletivo.

Para *Lope de Vega* o teatro é “o combate apaixonado de dois seres humanos em cima de um tablado”. O teatro trabalha com as relações humanas, não comprometendo-se ao estudo do individual propriamente. Ele, o teatro, não estuda um único ser, sempre se compromete com o coletivo. Mesmo num monólogo existe um conflito onde uma outra personagem, ainda que não esteja presente fisicamente, se estabelece presente pela ausência:

“Os monólogos só serão teatrais – só serão teatro – se o antagonista estiver pressuposto, embora ausente. Se a ausência estiver presente. Os famosos monólogos de Hamlet estão povoados de antagonistas.” (*Boal, 1996*)

O tablado pode ser qualquer espaço físico, que de alguma forma se destaque: um círculo numa praça pública, um palco elizabetano, italiano, ou grego. O que importa, e deve ficar claro, é o lugar dos atores e o lugar da platéia. Este lugar, este espaço que poderá ser compreendido como palco, pode ser construído pela própria presença dos espectadores, ou ainda pelos atores (ou um só ator, uma pessoa). Para isso basta que essa pessoa tenha consciência deste espaço, seja ele real ou virtual. Um sujeito pode criar esse espaço na rua ou na sua própria casa e representar para si mesmo. Assim como fazem os atores durante os ensaios da peça: representam para uma platéia vazia.

Por isso, como já foi dito antes, existem inúmeras definições e conceitos de teatro, mas a questão é que o teatro existe na subjetividade de quem o pratica. O ator é teatro,

é nele que o teatro se inicia. Sendo o ator um ser humano, qualquer pessoa é teatro. Todos nós somos teatro e, como diz *Boal*, apenas alguns de nós, além de sermos teatro, resolvemos fazer teatro.

“O teatro é uma atividade que nada tem a ver com edifícios e parafernalias. Teatro é a capacidade ou propriedade humana que permite que o sujeito se observe a si mesmo em ação, em atividade. Ao ver-se percebe o que é, descobre o que não é e imagina o que pode vir a ser. Percebe onde está, descobre onde não está e imagina onde pode ir. O auto-conhecimento assim adquirido permite-lhe ser sujeito (aquele que observa) de um outro sujeito (aquele que age), permite-lhe imaginar variantes ao seu agir, estudar alternativas.” (*Boal*, 1996)

O teatro é ser humano, um ser vivo fisicamente, intelectualmente e culturalmente. Sendo assim (repito) o teatro trabalha com elementos da vida humana: os sentidos, a sensibilidade, a emoção, a sexualidade e a racionalidade. Isso é teatro. Porém, deve ficar estabelecido que a função do teatro na educação não é treinar os alunos para o palco. Estudar teatro na escola é de vital importância para que este aluno, que é um ser em formação (não por ser estudante e estar na idade escolar, mas por ser pessoa e constantemente se transformar), não somente entre em contato com os elementos teatrais, mas que através deste contato ele possa redescobrir seu relacionamento social.

O teatro na escola pode:

- ajudar na integração do grupo, uma vez que trabalha com os comportamentos e relacionamentos humanos;
- colaborar para um melhor desenvolvimento da consciência vocal utilizando exercícios de ressonância, respiração e projeção;
- auxiliar na leitura e compreensão de textos, visto que o teatro trabalha com textos e é uma forma de comunicação e expressão;
- estabelecer a educação baseada na troca de experiências. Numa aula de teatro as vivências trazidas pelo aluno fazem parte do contexto da aula. Quanto mais à vontade o aluno estiver para trazer e expor suas vivências, mais a aula poderá render.

Como vemos, o teatro na escola é fundamental para o desenvolvimento do estudante como um ser inteiro e socialmente integrado. O teatro na educação deve se dar como instrumento preciso de ensino, como parte integrante de um processo de aprendizagem. Sem a intenção de formar atores, mas intencionalmente colaborar para uma educação autônoma, atenta ao fato de que ela (a educação) não está encerrada dentro dos muros da escola.

6 - PARA NÃO CONCLUIR

Esta monografia trata de um teatro que se pretende libertador. Libertador no sentido de sensibilizar, humanizar, tornar crítico, fazer pensar. Não trata de uma liberdade convencional, mas sim de uma liberdade onde o sujeito se reconheça como cidadão, que seja capaz de compreender sua realidade social, política e cultural. Esta liberdade se dá de dentro para fora. O indivíduo vai de encontro a sua essência; percebe-se (em si e no outro), trabalha-se (individual e coletivamente), exercita-se e por fim modifica-se, liberta-se.

Este caminho é lento e contínuo. Ele não se conclui. Não existe um fim, o que existem são vários começos e recomeços que sempre se iniciam quando se dá mais um passo, quando subimos mais um degrau e nos preparamos para o próximo. Como terminar este assunto – esta monografia – sem recomeçar?

Difícil concluir quando se tem os olhos postos no horizonte e uma pulsação dizendo que “tudo” pode ser “nada” justamente por saber que sempre tem um “algo a mais”. Este “algo a mais” não se encontra somente lá no horizonte, ele também está aqui, em nós (sujeitos), pulsando ora lentamente, ora inquieto. Quanto mais atentos estivermos a esta pulsação, mais poderemos libertá-la, deixá-la sair, ir de encontro aos horizontes. Cada vez que a inquietação alcança um horizonte, ela retorna em si: avalia, percebe, transforma, e sai novamente em busca de novos horizontes, com outros anseios e desejos. É a “práxis da vida” onde o homem começou por descobrir o fogo e incessantemente vem descobrindo e se redescobrando, se moldando, se adaptando e se rompendo destes mesmos moldes. Transformado-se sempre, nunca concluindo-se.

7 - BIBLIOGRAFIA

- BENJAMIN, Walter. **A criança, o brinquedo e a educação.** São Paulo, Summus, 1986.
- BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores.** Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1998.
- BRECHT, Bertolt. **Estudos sobre o teatro.** São Paulo, Nova Fronteira, 1978.
- _____ **Poemas; seleção, estudos e notas de Arnaldo Saraiva.** Lisboa, Presença, 1976.
- COURTNEY, Richard. **Jogo, teatro e pensamento: as bases intelectuais do teatro na educação.** São Paulo, Perspectiva, 1980.
- FIORIN e PLATÃO. **Para entender o texto.** Rio de Janeiro, Ática, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo, Loyola, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo, Paz e Terra, 1999.
- GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire: uma biobibliografia.** São Paulo, Cortêz: Instituto Paulo Freire, 1996.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** São Paulo, DPA, 1999.
- SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro.** São Paulo, Perspectiva, 1992.



UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

**FORMAÇÃO DE DOCENTES UNIVERSITÁRIOS -
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO**

AValiação de Monografia

Título da monografia: Inquietação: O teatro na educação

Autor: Elaine Cui Paz Galvão

Professor Orientador: Adilson Gilberto da Silva

Professor Leitor: Cláudio Augusto Coelho

Parecer do Orientador:

A especificidade do tema em questão foi tratada de forma interdisciplinar e privilegiou uma perspectiva crítica no que concerne à educação, facultando à pós-graduada a exercitar de forma satisfatória as leituras, as reflexões e os procedimentos recomendados pelo conjunto de professores que atuaram no curso.

Conceito: B (8,5)

Parecer do Professor Leitor:

O tema da monografia é interessante e instigante. Sua autora trabalhou-o com propriedade, apresentando ideias próprias e bom nível crítico-reflexivo. Ela, portanto, veio interessantemente a analisar teórica consistente, bem como um raciocínio mais aprofundado do teatro como educação.

Como um todo, a monografia é válida pelo nível de análise e pode significar uma primeira aproximação com o mundo da pesquisa acadêmica. Trata-se de um excelente ensinamento da pós-graduada.

Conceito: B (8,5)

Conceito Final: B (oito e meio - 8,5)

Data: 23/05/2000

Assinaturas:

Adilson Gilberto da Silva
Cláudio Augusto Coelho